

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Gabriel Pugliese e Marcos Castro Carvalho

O presente dossiê pretende ocupar um importante espaço no desenvolvimento da área em que é proposto. Um espaço de formação e de debate necessariamente aberto, múltiplo e controverso. O objetivo é apresentar aos alunos de graduação e outros possíveis interessados uma variedade de estudos de ciência e tecnologia acerca de temáticas igualmente variadas, desenvolvidos por pesquisadores brasileiros em fases diferentes da carreira e de inserção nesse campo de investigações. Assim, os textos aqui reunidos, tomados como um conjunto, podem apresentar um caráter introdutório geral às importantes discussões da área e, tomados isoladamente, podem implicar em um aprofundamento nos problemas teóricos decorrentes de debates já mais consolidados. Aliás, variedade é um traço fundamental dos estudos de ciência e tecnologia. Não somente porque existem muitas formas, variações e contextos de existência da ciência e da tecnologia – dado as inúmeras disciplinas científicas e tecnológicas e seus modos distintos de produção e atuação –, mas também porque existe uma multiplicidade de entradas teóricas e de problematizações disponíveis a pesquisadores interessados em abordar tais questões.

Quando convidados a organizar o presente dossiê pela Revista Florestan Fernandes, imediatamente colocamos o traço da diversidade de pesquisas em primeiro lugar como orientador do dossiê. Assim, produzimos um dossiê com trabalhos bastante singulares entre si tanto no que diz respeito ao tema como nas estratégias teóricas, metodológicas e políticas, e que estão aqui agrupadas artificialmente/estrategicamente sob a batuta dos estudos de ciência e tecnologia. A começar pela diferença entre dois autores que, reconhecidamente são os pioneiros nesses estudos em nosso país, e que nutrem as discussões sobre ciência e tecnologia com a orientação de novos pesquisadores e novos objetos: Guilherme Sá e Stélio Marras.

Guilherme Sá apresenta uma reflexão sobre a *ação distópica* de objetos que consideramos por sua “simplicidade” tecnológica, de prosaicos. Trata-se de um estudo de objetos técnicos como compósitos coexistentes nas heterotopias dos museus. Uma “história” dos objetos que leva em consideração a sua vida pública, diretamente relacionada ao espaço político em que se encontram

(os museus). Por meio dessa reflexão, Guilherme Sá nos convida a problematizar algumas das escolhas político-epistemológicas da antropologia.

Stélio Marras, produz uma série de problematizações das certezas vinculadas a antropologia da ciência para balizar as questões em torno dos impactos ambientais na ecologia antropológica. Seu trabalho coloca em questão a noção moderna de “autoria” e ao mesmo tempo a igualmente moderna “terceira pessoa” científica, para levantar a problema da transespecificidade que a “intrusão de gaia” nos coloca quando levantamos a questão do “nós”. Assim, Stélio Marras põem em jogo o fato urgente de repensar a ecologia antropológica diante dos graves problemas ambientais que estamos acompanhando.

Jean Segata nos apresenta um balanço das relativamente recentes discussões sobre cibercultura na antropologia. O artigo avalia os desenvolvimentos e os impactos teóricos e metodológicos decorrentes das pesquisas com a tecnologia da internet, principalmente, mas não exclusivamente, problematizando as “redes sociais” e sugere novas agendas de pesquisa possíveis. Agendas essas que possam levar em consideração não apenas as sociabilidades virtuais, como também a presença e o agenciamento de elementos não-humanos.

Rafael Antunes Almeida realiza uma discussão sobre o modo como as paraciências foram tratadas nos Estudos da Ciência. O autor aborda as linhas de desenvolvimento dos estudos da ciência decorrentes das obras de David Bloor, Harry Collins, Trevor Pinch e Bruno Latour tematizaram esses saberes produzindo o que ele nomeou de três instâncias de recusa – daí a necessidade de se pensar esses saberes não necessariamente tomando como ponto de partida uma ideia referencial e moduladora de ciência.

Natasha Simeileal discute a produção/seleção de *pedigree* em rebanhos bovinos em sua relação com a consolidação de um mercado de elite no Brasil. O artigo desenvolve o modo como o trabalho de “raceamento” zootécnico e a produção de uma elite bovina em território brasileiro produziu simultaneamente toda uma elite pecuarista nacional. Logo, imagens do “sangue” e da seleção de linhagens acabam por circular e produzir diferentes corpos e metáforas.

Graciela Froehlich, por sua vez, estuda o desenvolvimento das ciências de bem-estar animal a partir da reconfiguração do problema, que deixou de ser tratado de uma ordem político filosófica para ser discutido no domínio das práticas científicas, muito vinculadas a produção

animal. A tal questão moral do sofrimento animal, tais saberes bem-estaristas passaram também a vincular cada vez mais a própria possibilidade capitalista de melhoria utilitária do produto a partir de uma suposta preocupação com a vida desses seres não-humanos.

Enfim, agrupamos em um mesmo dossiê análises de lápis e museus, ecologia e ambiente, cibercultura e ciberespaço, paraciências e ciências, pedigree bovino e mercado e, por fim, bem-estar animal e liberdades. Esperamos que com essas temáticas abordadas por cada um dos autores de maneira singular, possamos fornecer aos leitores um pequeno mapa das possibilidades de pesquisa e de debate nos estudos de ciência e tecnologia. E, ainda, que esse dossiê possa cumprir com seu duplo objetivo: que ele tenha um papel na formação de novos pesquisadores na área de um lado, e de outro que incremente e aprofunde o debate teórico-metodológico sobre o tema. Mais do que oferecer um domínio exclusivista, fechado e disciplinar de uma “antropologia da ciência e da técnica”, a proposta aqui é justamente evidenciar/produzir diferenças e fomentar possibilidades abertas e resistentes a quaisquer totalizações prévias.